

Volume

31/1

ICH - UFPel



História em revista

revista do núcleo de documentação histórica

Acervos: Diferentes suportes de memória

Reitoria

Reitora: *Ursula Rosa da Silva*

Vice-Reitor: *Eraldo dos Santos Pinheiro*

Chefe de Gabinete da Reitoria: *Renata Vieira Rodrigues Severo*

Pró-Reitor de Ensino: *Antônio Maurício Medeiros Alves*

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação: *Marcos Britto Corrêa*

Pró-Reitor de Extensão e Cultura: *Fábio Garcia Lima*

Pró-Reitora de Planejamento e Desenvolvimento: *Aline Ribeiro Paliga*

Pró-Reitora de Assuntos Estudantis: *Josy Dias Anacleto*

Pró-Reitora de Gestão de Pessoas: *Taís Ullrich Fonseca*

Pró-Reitora de Ações Afirmativas e Equidade: *Cláudia Daiane Garcia Molet*

Superintendente do Campus Capão do Leão: *José Rafael Bordin*

Superintendente de Gestão Administrativa: *Mariana Schardosim Tavares*

Superintendente de Gestão da Informação e

Comunicação: *Christiano Martino Otero Ávila*

Superintendência de Inovação e Desenvolvimento

Interinstitucional: *Vinicius Farias Campos*

Superintendência de Infraestrutura: *Everton Bonow*

Superintendência do Hospital Escola: *Tiago Vieiras Collares*

Instituto de Ciências Humanas

Diretor: *Prof. Dr. Sebastião Peres*

Vice-Diretora: *Profa. Dra. Andréa Lacerda Bachettini*

**Núcleo de Documentação História da UFPEL –
Profa. Beatriz Loner**

Coordenadora:

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Membros do NDH:

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Prof. Dr. Jonas Moreira Vargas

Prof. Dra. Márcia Janet Espig

Técnico Administrativo:

*Cláudia Daiane Garcia Molet – Técnica em Assuntos
Educacionais*

Paulo Luiz Crizel Koschier – Auxiliar em Administração

História em Revista - Publicação do Núcleo de
Documentação Histórica – Profª. Beatriz Loner**Comissão Editorial:**

Profª Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Profa. Dra. Eliane Cristina Deckmann Fleck

Profa. Dra. Márcia Janet Espig

Prof. Dr. Jornas Vargas

Paulo Luiz Crizel Koschier

Conselho Editorial:

*Profa. Dra. Alexandrine de La Taille-Trétinville U.,
Universidad de los Andes, Santiago, Chile*

*Profa. Dra. Ana Carolina Carvalho Viotti (UNESP -
Marília)*

Profa. Dra. Beatriz Teixeira Weber (UFSM)

Prof. Dr. Benito Bisso Schmidt (UFRGS)

Prof. Dr. Carlos Augusto de Castro Bastos (UFPA)

*Prof. Dr. Claudio Henrique de Moraes Batalha
(UNICAMP)*

Prof. Dr. Deivy Ferreira Carneiro (UFU)

Profa. Dra. Gisele Porto Sanglard (FIOCRUZ)

*Prof. Dr. Jean Luiz Neves Abreu (Universidade Federal
de Uberlândia)*

Profa. Dra. Joan Bak (Univ. Richmond – USA)

Profa. Dra. Joana Maria Pedro (UFSC)

Profa. Dra. Joana Balsa de Pinho, Universidade de Lisboa

*Profa. Dra. Karina Ines Ramacciotti,
(UBA/CONICET/Universidad de Quilmes)*

Profa. Ms. Larissa Patron Chaves (UFPEL)

*Profa. Dra. Maria Antônia Lopes (Universidade de
Coimbra)*

Profª. Dra. Maria Cecília V. e Cruz (UFBA)

*Profa. Dra. Maria de Deus Beites Manso (Universidade
de Évora)*

*Profa. Dra. Maria Marta Lobo de Araújo (Universidade
do Minho)*

*Profa. Dra. Maria Silvia Di Liscia (Universidad Nacional
de La Pampa – AR)*

*Profa. Dra. Maria Soledad Zárate (Universidad Alberto
Hurtado – Chile)*

Prof. Dr. Marcelo Badaró Mattos (UFF)

*Prof. PhD Pablo Alejandro Pozzi (Universidad de
Buenos Aires).*

Prof. Dr. Robson Laverdi (UEPG)

Profª. Dra. Tânia Salgado Pimenta (FIOCRUZ)

Profª. Dra. Tatiana Silva de Lima (UFPE)

Prof. Dr. Temístocles A. C. Cezar (UFRGS)

Prof. Dr. Tiago Luis Gil (UNB)

Prof. Tommaso Detti (Università Degli Studi di Siena)

Profa. Dra. Yonissa Marmitt Wadi (UNIOESTE)

Editora: Lorena Almeida Gill

*Editores do Volume: Ma. Ângela Beatriz Pomatti (Museu de
História da Medicina do RS), Dra. Lorena Almeida Gill
(NDH-UFPEL) e Dra. Véra Lúcia Maciel Barroso
(Arquivo Histórico do CHC - Centro Histórico-Cultural
Santa Casa Porto Alegre)*

Editoração e Capa: Paulo Luiz Crizel Koschier

*Imagem da capa: Trabalho de higienização de acervo do
NDH-UFPEL. Fonte: Núcleo de Documentação
Histórica da UFPEL – Profa. Beatriz Loner*

*Pareceristas ad hoc: Dra. Adriana Fraga da Silva
(FURG); Dra. Ana Celina Figueira da Silva (UFRGS);
Dra. Beatriz Teixeira Weber (UFSM); Dra. Cassia Silveira
(UFRGS); Dr. Charles Monteiro (PUCRS); Dra. Cíntia
Vieira Souto (UFRGS/MP-RS); Dra. Claudira do*

Socorro Cirino Cardoso (Secretaria de Educação do Pará); Dr. Cristiano Henrique de Brum (FIOCRUZ); Dra. Daiane Brum Bitencourt (UFRGS/PUCRS); Dr. Daniel Luciano Gevehr (FACCAT); Dra. Daniele Gallindo (UFPEL); Dra. Elis Regina Barbosa Angelo (UFRJ); Dra. Jaqueline Hasan Brizola (FIOCRUZ); Dra. Leticia Brandt Bauer (UFRGS); Dra. Maira Ines Vendrame (UFPEL/UFJF); Dra. Márcia Regina Bertotto (UFRGS); Dr. Marcos Witt (Instituto Histórico de São Leopoldo-RS); Dra. Maria Teresa Santos Cunha (UFSC); Dra. Mariseti Cristina Soares (UFT); Dra. Mariluci Cardoso Vargas (PNUD/MDHC/Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos); Dr. Paulo Roberto Staudt Moreira (UFPEL); Dr. Rejane Silva Penna (Arquivo Histórico do RS); Dra. Rosane Marcia Neumann (FURG/UNIPAC); Dr. Tiago da Silva Cesar (UFRPE/UNICAP); Dr. Wilian Junior Bonete (UFPEL)

Editora e Gráfica Universitária

Conselho Editorial

Presidente do Conselho Editorial: Ana da Rosa Bandeira

Representantes das Ciências Agrárias: Sandra Mara da Encarnação Fiala Rechsteiner (TITULAR), Cássio Cassal Brauner e Viviane Santos Silva Terra

Representantes da Área das Ciências Exatas e da Terra: Aline Joana Rolina Wohlmuth Alves dos Santos (TITULAR), Felipe Padilha Leitzke e Werner Krambeck Sauter

Representantes da Área das Ciências Biológicas: Rosângela Ferreira Rodrigues (TITULAR) e Marla Piumbini Rocha

Representantes da Área das Engenharias: Reginaldo da Nóbrega Tavares (TITULAR)

Representantes da Área das Ciências da Saúde: Claiton Leonetti Lencina (TITULAR)

Representantes da Área das Ciências Sociais Aplicadas: Daniel Lena Marchiori Neto (TITULAR), Bruno Rotta Almeida e Marislei da Silveira Ribeiro

Representantes da Área das Ciências Humanas: Maristani Polidori Zamperetti (TITULAR) e Mauro Dillmann Tavares

Representantes da Área das Linguagens e Artes: Chris de Azevedo Ramil (TITULAR), Leandro Ernesto Maia e Vanessa Caldeira Leite

Seção de Pré-Produção – Isabel Cochrane, Suelen Aires Böettge

Seção de Produção

Preparação de originais – Eliana Peter Braz, Suelen Aires Böettge

Catálogo – Madelon Schimmelpfennig Lopes

Revisão textual – Anelise Heidrich, Suelen Aires Böettge

Projeto gráfico e diagramação – Fernanda Figueredo Alves, Alice Martins de Lima (Bolsista)

Coordenação de projeto – Ana da Rosa Bandeira

Seção de Pós-Produção – Marisa Helena Gonsalves de Moura, Eliana Peter Braz, Newton Nyamasege Marube

Projeto Gráfico & Capa – Paulo Luiz Crizel Koschier

Rua Benjamin Constant 1071 – Pelotas, RS
Fone: (53) 98115-2011

Edição: 2026/1
ISSN – 2596-2876

Indexada pelas bases de dados: Worldcat Online Computer Library Center | Latindex | Livre: Revistas de Livre Acesso | International Standard Serial Number | Worldcat | Wizdom.ai | Zeitschriften Datenbank

UFPEL/NDH/Instituto de Ciências Humanas

Rua Cel. Alberto Rosa, 154 - Pelotas/RS - CEP: 96010-770

Fone: (53) 3284 3208

Disponível em

<https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/HistRev/index>

e-mail: historiaemrevista@ufpel.edu.br

Dados de Catalogação na Publicação (CIP) Internacional
Simone Godinho Maisonave – CRB 10/1733
Biblioteca de Ciências Sociais – UFPEL

H673 História em Revista [recurso eletrônico] : (Dossiê : Acervos : Diferentes suportes de memória) / Núcleo de Documentação Histórica da UFPEL – Profa. Beatriz Loner, v.31, n.1, jan. 2026. – Pelotas: UFPEL/NDH, 2026 – 484 p. ; 18,1 MB

Semestral

e-ISSN: 2596-2876

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader

Disponível em:

<https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/HistRev/index>

1. História – Periódico 2. Acervos 3. Museus

CDD: 907

REVISTA BOHEMIA: EL PULSO DE CUBA EN CADA PÁGINA

BOHEMIA MAGAZINE: THE PULSE OF CUBA ON EVERY PAGE

Maria do Carmo Luiz Caldas Leite

Doutora e mestre em Educação pela Universidade Católica de Santos (UNISANTOS). Licenciada e Bacharel em Física pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC SP). Vice-líder do Grupo de Pesquisas Políticas Públicas em Educação: Trabalho e Formação da UNISANTOS (Certificado no Diretório do CNPq). Vice-presidente da Associação Cultural José Martí da Baixada Santista, SP, Brasil. Autora do livro: Cuba Insurgente, identidade e educação.

E-mail: marialcl@unisantos.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3355-2077>

Norberto Escalona Rodríguez

Licenciado em Ciências Pedagógicas pela Escola Superior Político-Militar de Lvov (URSS). Membro da União Nacional de Historiadores de Cuba. Editor na Revista Bohemia. Publicou os livros: Quinteto Rebelde (2013); Mariana Grajales Cuello, 200 anos na história e na memória (2015); Marianas: nobreza e coragem (2018); Almeida: paradigma de firmeza (2022); Entre balas e flores (2024) e Fidel Castro Comandante Invicto (2025).

E-mail: n.escalonar55@gmail.com

Resumen. En la presente investigación sobre la revista cubana Bohemia, se examinó su evolución estructural y editorial desde su concepción como un semanario cultural ilustrado no especializado y de un enfoque estético no profundo, hasta su transformación en un medio multidisciplinario con proyección nacional. A lo largo de sus distintas etapas, la publicación incorporó nuevas secciones con un periodismo abarcador de amplios temas políticos, sociales, y culturales, hasta convertirse en un archivo vivo de la nación. El estudio se fundamenta en el análisis documental de ejemplares representativos, entrevistas a colaboradores editoriales y revisión bibliográfica de otros medios de información. Se observa cómo gracias a ese masivo alcance y prestigio acaudalado, autores cubanos y extranjeros confiaron sus creaciones, muchas veces inéditas, a las páginas de la revista. Se muestra cómo con el triunfo de la Revolución Cubana, Bohemia ha marchado junto a un proceso político humano y ha sido un espacio donde se ha mostrado cada avance y contratiempo con análisis objetivos.

Palabras claves: Cuba, Bohemia, revista, información, periodismo, cultura cubana, historia cubana.

Resumo. Nesta pesquisa sobre a revista cubana Bohemia, examinou-se sua evolução estrutural e editorial desde sua concepção como um semanário cultural ilustrado, não especializado e com um enfoque estético superficial, até sua transformação em um meio multidisciplinar com projeção nacional. Ao longo de suas diferentes etapas, a publicação incorporou novas seções com um jornalismo abrangente sobre temas políticos, sociais e culturais, até se tornar um arquivo vivo da nação. O estudo fundamenta-se na análise documental de edições representativas, entrevistas com colaboradores editoriais e revisão bibliográfica de outros meios de informação. Observa-se como, graças a esse alcance massivo e prestígio acumulado, autores cubanos e estrangeiros confiaram à revista suas criações, muitas vezes inéditas. Mostra-se como, com o triunfo da Revolução Cubana, Bohemia caminhou junto a um processo político humano e tem sido um



espaço onde cada avanço e contratempo foram apresentados com análises objetivas.

Palavras-chave: Cuba, Bohemia, revista, informação, jornalismo, cultura cubana, história cubana.

Abstract. This research on the Cuban magazine Bohemia examines its structural and editorial evolution from its inception as a non-specialized illustrated cultural weekly with a superficial aesthetic focus to its transformation into a multidisciplinary medium with national projection. Throughout its various stages, the publication incorporated new sections and embraced journalism that covered a wide range of political, social, and cultural topics, ultimately becoming a living archive of the nation. The study is based on documentary analysis of representative issues, interviews with editorial contributors, and a literature review of other information sources. It highlights how, thanks to its wide reach and accumulated prestige, both Cuban and foreign authors entrusted the magazine with their works, often unpublished. The research also shows how, with the triumph of the Cuban Revolution, Bohemia aligned itself with a human political process and has served as a platform that reflects every advance and setback through objective analysis.

Keywords: Cuba, Bohemia, magazine, information, journalism, Cuban culture, Cuban history.

Más de un siglo de existencia

La mayor de las Antillas se enorgullece de contar con una publicación en formato de revista que durante más de un siglo de existencia, con logros y tropiezos, —pero en evolución constante—, ha volcado sobre sus páginas el sentir de una nación en su acontecer cultural, político y social. Según la tradición, porque no se ha logrado encontrar ningún ejemplar, se da como fecha de fundación el 10 de mayo de 1908. Un nacimiento casi inadvertido; aparece en algunos escritos que los números iniciales fueron a manera de experimento y por dificultades financieras, su primer director y propietario, Miguel Ángel Quevedo Pérez, abandonó la empresa.

El receso fue momentáneo y Bohemia reaparece a partir del 7 de mayo de 1910 (la primera impresión numerada) como un semanario cultural ilustrado no especializado, y desde entonces ha tenido un bregar sin descanso. En un principio era una más entre otras de salida nacional como *Social* y *Carteles*. Se basaba mucho en traducciones de revistas norteamericanas y tomaba el estilo de las europeas. Al inicio, en Bohemia solo aparecían concursos de belleza, anuncios de tiendas, suplementos de modas, competencias de patinadores y ciclismo, sorteos..., para ampliar el número de lectores. Referente a lo artístico y literario, existió desde el principio una sección de teatro, otra



llamada “Página de arte” de cubanos y latinoamericanos, pero de autores poco conocidos y la Sección “Cinematográficas”.

Como un ejemplo de los enfoques en la naciente publicación, Castillo (1910) subrayaba:

Trataré de hacer un resumen semanal, de todos los acontecimientos sociales, y con la extensión que se merezcan aquellos más importantes que se sucedan entre nuestros más distinguidos círculos. Engalanaré mi crónica con retratos de distinguidas señoritas [...] así como de niños, cuya hermosura ha de ser un poderoso atractivo.

Para la mujer se publicaba una sección “Crónica de Moda”. En general un contenido asignado de modo principal por la vida de las capas y clases sociales más acomodadas: burgueses, profesionales y tecnócratas. Los temas anunciados justifican su nombre, derivado de la famosa ópera de Puccini. Quevedo tenía devoción por ese género de música

Había una sección de “Actualidades”, fija todas las semanas desde los primeros números, con noticias principalmente nacionales, presentadas de manera simple y sintética —como cintillos—, y de gran diversidad temática. Con similares características, se incluyó también una sección gráfica llamada “Actualidad extranjera”.

Pero la publicación no describe en profundidad esa época, convulsionada aún por la segunda intervención militar estadounidense en Cuba entre los años 1906-1908, y su presencia en Cuba, al seguirse inmiscuyendo en todos los aspectos del acontecer nacional. El país del norte se había frustrado el triunfo en la lucha por la independencia nacional desarrollada por el Ejército Libertador durante 30 años contra el colonialismo español, iniciando la República Mediatizada. El 10 de diciembre de 1898, Estados Unidos y el Gobierno ibérico firmaron el llamado Tratado de París sin la participación de los mambises —así se llamaban los combatientes en las guerras por la independencia nacional—. España cesó la dominación en la Isla y le cedía su turno a los Estados Unidos de Norteamérica, que implantaron los mecanismos de la dominación neocolonial, que subsistieron hasta el 1° de enero de 1959. En el año 1900, se inició en Cuba un conjunto de imposiciones económicas, políticas y sociales derivadas de la primera intervención militar de Estados Unidos en el país. La imagen de la cubanidad utilizada por la metrópoli española fue trasladada a los estadounidenses, donde encontraron un terreno fértil para sus propósitos, en un contexto de racismo más áspero e intolerante, en el marco de una visión profundamente degradada del hombre latinoamericano. La política de la oligarquía criolla¹, a partir de la crisis globalizada del modelo neocolonial, empezó a restringir la producción agrícola al ámbito azucarero, mediante la cartelización (Leite, 2023).

¹ La palabra criollo, en español, significa una persona nacida en América, hija de padres europeos, radicalmente distinta del término “crioulo”, en uso actual en Brasil, que designa a un individuo negro, muchas veces con una connotación prejuiciosa.

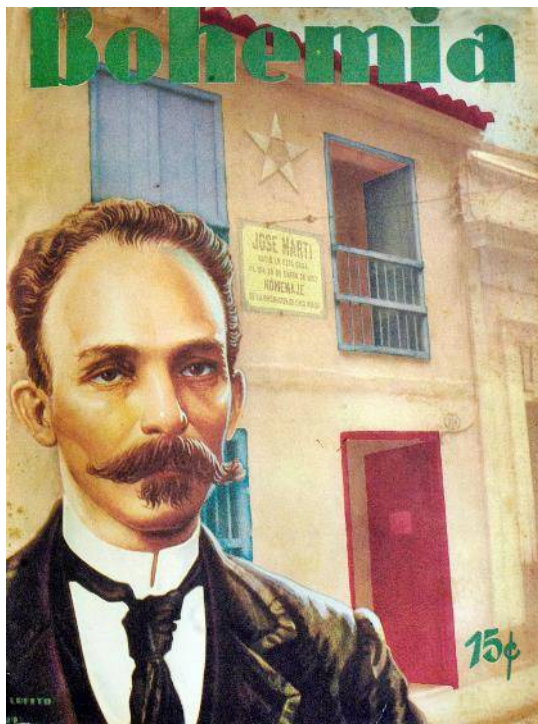


En esos primeros años, al no adentrarse en la problemática profunda de los temas nacionales, no tenía atractivo. Bohemia se apuntaló como negocio editorial a partir de 1914. Para entonces comenzó a utilizar portadas en tricromías, — procedimiento fotográfico de impresión o decoración en tres colores— al combinar fundamentalmente los primarios. Fue la primera publicación en hacerlo en Cuba. Aumentó su tripa hasta 40 páginas. El tipo de letra se mejora y la impresión es más limpia. En su frente exterior, en cartulina o papel cromado, dio a conocer a muchos pintores cubanos y muestra el costumbrismo: rumberas, músicos mulatos, oficios del cubano humilde...

Un ejemplo palpable de los cambios en el semanario es una portada dedicada a José Martí al mostrar el óleo al pincel “Muerte de Martí”, del notable artista cubano Esteban Valderrama y que figuraba en el Salón Nacional de Bellas Artes de 1918. Es en el n. 8 correspondiente al 24 de febrero de 1918. Luego se sucedieron varios ejemplares dedicados al Apóstol de la independencia de Cuba. Pero la presencia del héroe de Dos Ríos en sus páginas no responde a fechas, sino a los vínculos de la revista con el pulso de una nación donde el legado martiano vive y vivirá como fuerza impulsora.

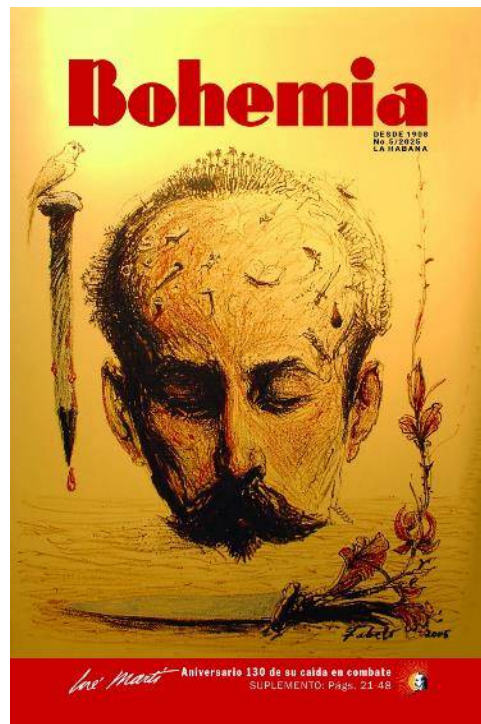
José Martí (1853–1895), hijo de padres españoles, inició su participación política escribiendo en periódicos separatistas. Con la prisión de su maestro Rafael Mendive, se cristalizó en Martí una actitud de rebeldía contra la dominación española. En 1869, fue condenado a seis años de trabajos forzados, pero pasó seis meses en prisión, ya que logró conmutar la pena por la deportación a España. Se dedicó al estudio del Derecho y, en 1874, obtuvo su título en la Universidad de Zaragoza. Entre 1881 y 1895 vivió en Nueva York, pero fue en México, Guatemala y Venezuela donde alcanzó el más alto grado de identificación con la autoctonía de América, hasta entonces desconocido para un hijo de españoles. Influyente en la intelectualidad hispanoamericana de finales del siglo XIX, Martí comprendió que la liberación de Cuba no podría lograrse sin la unión del pueblo y de todos los sectores de la sociedad. El Partido Revolucionario Cubano, fundado por él en 1892, asumió esa bandera y fue la base de sus ideas de unidad. En los últimos años de su vida, regresó a Estados Unidos, el país extranjero donde vivió más tiempo, continuando con sus actividades en el ámbito cultural y periodístico, pero dedicándose principalmente a la preparación de su regreso a la Isla y de la guerra de independencia. En las dos ocasiones en que logró regresar a Cuba, fue deportado por ser considerado conspirador. En 1895, Martí partió de Nueva York hacia Cuba para unirse a las tropas independentistas, pero el 19 de mayo de ese mismo año, en el poblado de Dos Ríos (Cuba), murió en combate, sin ver realizado el sueño de su vida (Fernández Retamar, 1983).

Figura 1. José Martí, Héroe Nacional de Cuba



Fuente: Portada. Año 44, 27 de enero de 1952.
Diseño: Lopito. Archivo de Bohemia

Figura 2. José Martí aniversario 130 de su caída en combate



Fuente: Portada. Edición Impresa. N. 5. 2025.
Diseño: Roberto Fabelo y Víctor Manuel Falcón García. Archivo de Bohemia

En la expresión de Baralt (1990, p. 1), “nadie enganchó su carro a una estrella con más firme propósito de alcanzar una meta, fueran cuales fueran la altura y la dificultad del camino”, que el “apóstol” de Cuba. Para él, la vida era una lucha de perfeccionamiento constante. “Todo hombre nace rey; la labor está en hallar en sí los útiles con que se hace el trono” (Martí, 1975, t. 9, p. 339). El arco de la vida de Martí, en sus 42 años de existencia, confirmó la estrecha relación entre su modo de ser y de actuar. Su trayectoria revolucionaria lo llevó a pasar por varios países, proporcionándole conocimientos avanzados para su tiempo. Sus ideas reafirmaban constantemente la búsqueda de una cultura legítima, ajustada a la realidad latinoamericana, y no más a una educación basada en teorías importadas de la América anglosajona, aunque mantenía la apertura de Cuba al mundo. En la concepción martiana, era un hecho grave que la educación siguiera los patrones de sistemas foráneos, desvinculados de las realidades socioeconómicas en las que se aplicaban.



En la Columna Editorial “El Martí de Bohemia” (1925), se lee:

Bohemia ha honrado asiduamente la herencia martiana, asumida en la abarcadora radicalidad del gran creador literario y organizador de las fuerzas independentistas de su patria, del pensador de talla universal, del combatiente que echó su suerte con los pobres de la tierra.

La convulsión económica provocada por la Primera Guerra Mundial aumentó bruscamente los precios del azúcar en el mercado mundial, convirtiendo a Cuba en un polo atractivo para el mercado extranjero y para los inmigrantes en busca de trabajo. Un número significativo de españoles conformó un flujo migratorio que creó las condiciones para la explotación del trabajo en la industria agraria exportadora. El triunfo de la Revolución Socialista en Rusia, en 1917, según Buenavilla Recio *et al.* (2014), tuvo repercusiones en toda América Latina y en Cuba. A partir de esa fecha, entre las consignas de los trabajadores, surgieron nuevas vinculaciones de las teorías revolucionarias con las luchas en el continente.

El ambiente de renovación cultural vivido en Cuba a partir de 1920 implicó el redescubrimiento de las raíces autóctonas de los enfrentamientos contra la dominación extranjera. La efervescente vida cultural de La Habana incluía las reuniones de intelectuales en el Café Martí. Grandes movimientos proclamados por la juventud en América Latina del período posterior a la Primera Guerra emprendieron un fuerte trazo generacional, que favoreció las luchas en Cuba por la recuperación del ideario martiano. Una crisis en la Isla al término de la Primera Guerra Mundial sacudió principalmente el ámbito económico, con un marcado estancamiento, caracterizado por la dependencia de la industria azucarera, al no desarrollar otras líneas de productos y basarse en la importación. Se incentivaron las protestas de la clase obrera, artistas y estudiantes, ante la corrupción política y administrativa. En 1925, con la fundación del primer Partido Comunista de Cuba, Carlos Baliño y Julio Antonio Mella insistían en la necesidad de reflexionar sobre la adaptación creativa de la esencia del marxismo-leninismo a las condiciones históricas específicas de la Isla. Para ellos, era imposible implantar en tierras cubanas copias serviles de revoluciones hechas por otros hombres, en otros climas. Sin embargo, las publicaciones de Bohemia no estaban al alcance de adentrarse en esas temáticas y disminuyó su avance (Leite, 2023)

Auge editorial y compromiso político

En el año 1927, Miguel Ángel Quevedo Lastra recibe de su padre la dirección y propiedad de la revista en una coyuntura política particularmente difícil. Ahí empieza una renovación, al alcanzar más actualidad nacional y sobre todo se introduce en el acontecer político.

El entonces presidente Gerardo Machado y Morales (1929-1933), pone en marcha un plan reeleccionista, junto a una férrea dictadura con un profundo carácter represivo, oligárquico y antinacional. Encontró fuerte oposición en sectores de la



pequeña burguesía, el proletariado y hasta algunos de los políticos tradicionales. Además, trató por variados medios de controlar a la prensa y hacerla un simple vocero de sus intereses. Bohemia tiene una posición bastante crítica contra el régimen, propiciando campañas denunciadoras de los crímenes perpetrados, lo que le ocasionó censuras, y represión por parte de la policía.

Una huelga general en marzo y la protesta estudiantil de septiembre de 1930, abrieron paso a un clima revolucionario que culminó en agosto de 1933 con la caída del tirano. Se restituye la libertad de prensa, y Quevedo comienza a hacer grandes reportajes sobre la actualidad nacional, dando paso a una nueva tónica. Se ubicó en posiciones contrarias al machadato, como se definió esa etapa, aunque desde una posición burgués-nacionalista. No obstante, en sus páginas abogó por la necesidad de un gobierno producto de elecciones y del ordenamiento constitucional durante el resto de la década del 30. Le caracteriza un apoyo irrestricto a Eduardo Chibás y Ribas, un destacado político que se opuso a aquella dictadura con campañas moralizadoras y denunciando la corrupción imperante.

En sus páginas, además, se destacaron las luchas por la nacionalidad y fue permanente la divulgación de figuras patrióticas de las pasadas guerras por la independencia de Cuba como Carlos Manuel de Céspedes, Ignacio Agramonte y Loynaz, Máximo Gómez Báez, Antonio Maceo Grajales y sobre todo José Martí, aunque desde criterios idealistas casi siempre, pero al menos, significaba una contribución a enaltecer la historia nacional. No dejaron de aparecer a partir de los años 30, las referencias a las luchas del estudiantado cubano ante los gobiernos de turno ajenos a los intereses nacionales. En el plano internacional, el tratamiento de algunos problemas se movió en esa óptica y contribuyó inclusive a ganarle prestigio a la publicación fuera del país.

En variados artículos publicados en la revista, fueron denunciados el sentido económicamente deformador del latifundismo y las condiciones de miseria del campesinado y de grupos marginales urbanos. Al igual fueron puestos en claro los turbios y antinacionales manejos de algunas empresas imperialistas, como las compañías de electricidad y de teléfonos.

Las aspiraciones de la clase alta cubana estaban en Nueva York, el “lugar de las tiendas más elegantes del mundo”. La experiencia se repetía de una generación a otra, porque las personas que habían estudiado en los Estados Unidos enviaban a sus hijos al Norte, formando migraciones cíclicas. Durante los tiempos buenos, cuando había condiciones financieras para viajar, y en los tiempos malos, cuando necesitaban buscar mejores condiciones de trabajo y estudio. “En la década de 1930, se estima que el 40 % de la población cubana vivió en los EE. UU. en algún momento de su vida” (Baker, 2007, p. 462).

Muchos regresaban a sus hogares con nuevos deseos y frustrados con su país, razón por la cual reaccionaban con inquietud. En ciertas circunstancias, el viaje al Norte podía minar la autoestima y debilitar los patrones nacionales:



Los modos norteamericanos estaban profundamente arraigados en las sensibilidades cubanas, pero tenían un impacto aún mayor sobre las susceptibilidades: las condiciones del Norte se presentaban, por encima de todo, como un modo de vida y un estado mental —una manera de ser—, una combinación entre posición y actitud, entre decisión y convicción, entre confianza y seguridad en uno mismo. Eran elementos poderosos por su asociación con el éxito y el estatus y, lógicamente, con las aspiraciones de futuro (BAKER, 2007, p. 473).

La alta burguesía prerrevolucionaria, bajo esa influencia, bautizaba a sus miembros como Billy, Joe y Bob. Hablaban inglés y eran especialistas en las intrigas de la sociedad estadounidense. “El regreso era con frecuencia doloroso. Al volver a Cuba querían que el Prado de La Habana fuera Broadway, que Guanabacoa fuera Filadelfia y que Jesús del Monte fuera un *downtown*” (Baker, 2007, p. 471).

Durante los sucesos de la Guerra Civil Española a partir de 1936, cuando la República fue atacada, tuvo en Bohemia un coloso defensor. Entró a formar parte del Comité Pro-República Española. En sus páginas se denunciaron a diario los crímenes del falangismo. Cuba fue el país que más voluntarios aportó a la Guerra Civil en España.

En la Columna Editorial (1936), en 2 de agosto, a menos de un mes del estallido bélico, así comenzaba Bohemia: “los trágicos momentos que vive España, están controlando la máxima atención cubana, a tal punto que pudiera decirse que la dolorosa guerra fratricida nos ha hecho relegar a un segundo plano nuestros propios graves y difíciles problemas”.

Siempre encontraron en el semanario repulsa y combate las dictaduras en Latinoamérica. Mostró la oposición sistemática al fascismo como enemigo de la democracia, el apoyo al gobierno popular de Jacobo Árbenz Guzmán, un militar guatemalteco progresista que había iniciado un movimiento de renovación ante la profunda pobreza de aquel país, pero fue derrotado mediante un golpe de Estado en 1954. Se exaltó a Augusto César Sandino, líder de la resistencia en Nicaragua contra la ocupación estadounidense en la primera mitad del siglo XX; la divulgación de la lucha por la independencia puertorriqueña. En ese sentido, la publicación contribuyó al acercamiento y el comentario favorable a los regímenes y personalidades democráticas del hemisferio.

Hay que mencionar que a veces en sus páginas se condenó alguna acción norteamericana contra los gobiernos democráticos de América Latina, pero fue una defensora y una divulgadora del modo de vida norteamericano frente a la ideología marxista-leninista y a la construcción del socialismo en la Unión de Repúblicas Socialistas Soviéticas.

En la última etapa antes del triunfo de la Revolución Cubana, especialmente a través de las colaboraciones recibidas de Estados Unidos, Bohemia mantuvo una campaña anticomunista con los argumentos usuales de la era de la “guerra fría”. Sin embargo, en el plano nacional, a partir de sus posiciones liberales se pronunció —aunque con vacilaciones— por la actuación política del primer partido marxista-leninista



en el marco de un régimen democrático-burgués.

La revista fue el modelo, el caso más típico del ideal de libre empresa entre los medios de difusión masiva en Cuba. El semanario se presentaba como sereno e imparcial ante los problemas del país, abría sus páginas a opiniones diversas y contrapuestas y defendió siempre el derecho burgués a la libre emisión del pensamiento y a la propiedad privada. Por supuesto, el propio hecho de que la publicación se convirtiera en un negocio altamente rentable, contribuyó poderosamente a robustecer esa imagen: Bohemia, dada su prosperidad económica, casi nunca tuvo que acudir en esta época a los concursos y planes de regalo que, sin embargo, tan frecuentemente fueron empleados por los diversos medios de difusión masiva, como tampoco se veía impelida su dirección a aceptar el soborno de los políticos, lo que revertía, a su vez, en mayores posibilidades de emitir un criterio al margen de las posiciones oficiales, o de dar cabida a numerosas colaboraciones de escritores, periodistas y políticos de relieve, tanto cubanos como extranjeros, y hasta a personalidades con marcada militancia de izquierda.

Sorprende la publicación del artículo “Septembrismo”, del 1° de abril de 1934, relacionado con una carta de Antonio Guiteras Holmes, —uno de los políticos más preclaros de aquella época que defendía los derechos populares— enviada a la revista y publicada. Una reflexión valiente que no se acostumbraba a leer en los medios de prensa. Se realizó una tirada especial para la época que no se superó en mucho tiempo. Expresaba entre otros temas:

Un estudio somero de la situación política económica de Cuba nos había llevado a la conclusión de que un movimiento que no fuese antiimperialista en Cuba no era una Revolución. Se servía al imperialismo yanqui o se servía al pueblo, pues sus intereses eran incompatibles (Holmes, 1934).

La conciencia nacional salió indudablemente robustecida de aquellas jornadas y se desarrolló el pensamiento antimperialista y socialista.

Transformaciones con nuevas secciones

Bohemia sufre importantes cambios al transformar decididamente su carácter hacia una publicación de información general con marcado interés en la realidad nacional, y dirigida hacia un público lo más variado posible. Las secciones se multiplican y aparecen nuevos temas. Ya había surgido la primera sección de Humor en la edición n. 42 del 16 de octubre de 1927, y el primer Crucigrama apareció en la revista en la edición n. 11 del 11 de marzo de 1928.

Algo curioso aparece en palabras del periodista Pradas (2025):

Dicen las buenas lenguas que la revista Bohemia se lee desde el final hacia adelante y en verdad no hay nada que parezca más sensato. Los intelectuales



ortodoxos seguramente no lo aprueben, pero difícilmente alguien se atreva a denigrar tal hábito, arraigado ya entre los cubanos durante 117 años. Hace más de un siglo que la mayoría de los lectores, al tomar la revista, echan primeramente una mirada a la portada. Luego, con una mano hacen una cascada con el canto de sus páginas dejándolas caer como máquina de contar billetes. Con la otra, con la yema del pulgar ensalivada, abren la revista por la última hoja, justo por la sección de las caricaturas y otros ocios, cuál si o no. Luego se adentran en el otro contenido de la publicación.

Una nueva estrategia para la revista, a inicios de los años 1940, comenzó a delinear Miguel Ángel Quevedo Lastra, al establecer nuevas secciones para el abordaje de la actualidad nacional e internacional desde una manera creativa, con técnicas que después la academia denominaría como pertenecientes al periodismo interpretativo y de investigación.

Las informaciones internacionales dejan de ser fundamentalmente gráficas y se presentan con notas amplias en la sección "La marcha del tiempo", tomadas de la revista norteamericana Time. La mayoría de los artículos y reportajes sobre esta temática son tratados por firmas y escritores norteamericanos. Cuando aparece la sección "Así va el mundo", redactada por la propia Bohemia, no cambia mucho esta situación, pues se copiaban la información cablegráfica de las agencias AP y UPI.

Pero es la información nacional la que gana en calidad y espacio en la revista y la principal causa de su éxito. Hay secciones gráficas como "Actualidad nacional" y "Por la isla"; reflejan preferentemente noticias de carácter político y económico, hasta disminuir notablemente la crónica social. Se publica "La semana política", que después cambia el nombre por el de "Estampas de la semana". En igual sentido se emplea el humor político, que llegó a tener algunas secciones fijas.

El punto culminante en el tratamiento de la temática nacional será la sección "En Cuba", que comenzó el 4 de julio de 1943 y que fue en poco tiempo una de las más leídas en el periodismo cubano. Esta sección fue propuesta al director por Enrique de la Osa, quien sería su iniciador junto con Carlos Lechuga. "En Cuba" reflejaba los incidentes de la política nacional, casi siempre con información exclusiva, y sirvió como permanente vehículo de denuncia de la corrupción imperante y de defensa de variados intereses populares. La sección desbordó la temática nacional y trató asuntos latinoamericanos, mostrando algunas acciones intervencionistas del imperialismo. La sección comienza a publicar lo que no propagaba otro tipo de prensa, iba más allá de los acontecimientos con su investigación profunda. También crean un "En Cuba internacional".

El éxito de dicha sección se debe a su proyección política más que a sus vínculos formales: a su estilo y colorido, a la ambientación, descripciones, vivacidad y datos inéditos contenidos en las notas. La sección "En Cuba" era un látigo. Aunque los círculos gobernantes hicieron todo lo posible por acallar, la misma siguió sus pasos cada vez con más arraigo entre sus lectores, quienes incluso, iban de forma espontánea a la revista a aportar alguna información valiosa.



El viernes salía Bohemia y daba una información de los principales temas del acontecer nacional, investigado por periodistas de primera línea, profundizando con entrevistas y diferentes formas el acontecimiento. Realizaba una información comentada sobre cada noticia.

Para entonces comienza en la publicación la crónica roja, ese género periodístico acompañado de intrigas policiales, misterios y asesinatos. Al notar que las revistas norteamericanas tienen la “Sección Astrológica”, se copia esa idea, además de chistes internacionales junto al humor nacional. Aparecen las caricaturas de autores como Juan David. Se nota mucho auge en el deporte con habilidad literaria. En las portadas desaparecen los grabados tricolores que son sustituidos por los dibujos multicolores. Se crea lo que se llamó la sección de “Apertura”, que abría con una historia recreativa, luego un reportaje romántico. Ya aparece la sección “Ciencia y Tecnología” con temas diversos, sugestivos y abordados desde una narrativa que ha sabido poner “la ciencia en lengua diaria” como expresara José Martí. Con anterioridad el debate científico estuvo presente de manera esporádica, a menudo camuflado en notas de corte psicosocial o en promociones a medicamentos y servicios.

Por su gran poder de convocatoria, en 1945 desde sus páginas el periodista Guido García Inclán, inicia una campaña por una tumba digna de José Martí en el cementerio Santa Ifigenia de Santiago de Cuba. De esta forma pudo construirse el mausoleo que hoy se elige en aquella necrópolis.

Historias mejor narradas

En la edición del 5 de marzo de 1947, aparece la sección de “Historia” bajo el título, “El ayer que vive aún”, con investigaciones de destacados historiadores: el cubano Emilio Roig de Leuchsenring, el dominicano Juan Emilio Bosh Gaviño y el venezolano Rómulo Gallegos, realizaban reportajes de puntería. Desde mucho antes no dejó de conmemorar en sus páginas las fechas más trascendentales.

En la década de 1950, el crimen organizado asumió el control de los casinos en La Habana, considerada un lugar licencioso, de proxenetas y políticos corruptos. Constantemente, las fuerzas progresistas manifestaban su rechazo al despotismo y a la inoperancia de la oposición legal al régimen, que se limitaba a las denuncias en el ámbito del Congreso. A partir de esta coyuntura, Fidel Castro Ruz y un pequeño destacamento adoptaron la estrategia insurreccional. Estos hechos no fueron solo una manera de expresar la conciencia generacional, sino que, sobre todo, sustentaban el imperativo de subvertir los rasgos de decadencia moral y del estancamiento económico basado en un modelo monoprodutor, con una creciente polarización social y miseria entre las clases trabajadoras (Leite, 2023).

Bohemia en los años 50 es la gran revista, la mejor de Cuba. Comienza a publicar temas literarios de mayor alcance. Inician la publicación de una sección de “Cuentos Cubanos” seguidos de un cuento policiaco. Uno de los cuentos que se publica



en exclusiva es *Taita, diga usted cómo* de Onelio Jorge Cardoso, nuestro cuentero mayor. Aparece *Guajiros en Nueva York* de Pablo de la Torriente Brau, Cuentos de Lino novás Calvo, quienes eran escritores cubanos reconocidos. Comienzan a llegar a los lectores la obra de grandes novelistas del género policiaco como la británica Agatha Christie y el estadounidense Raymond Chandler.

Durante la República Mediatizada, se operaba la naturalización del imaginario de los neocolonizadores bajo diversas formas, entre ellas la seducción del fetichismo cultural, estimulando la fuerte aspiración hacia los valores norteamericanos por parte de los sujetos subalternizados. En forma de colonialidad, el colonialismo llegó a las raíces más profundas del pueblo cubano y sobrevivió, a pesar de la descolonización o de la emancipación política de la última colonia española en América. No pocas veces, la propia historia oficial fue groseramente utilizada en las exhortaciones posteriores a la independencia del colonialismo español en Cuba, conviviendo con la estructura neocolonial. En el hábitat natural de los abusos practicados como instrumentos de legitimación ideológica del poder, en su manifiesto conocido como “La historia me absolverá”, Fidel destacaba el papel de la Educación, preguntando: “¿Qué nos dijeron en la escuela?”

Vivimos orgullosos de la historia de nuestro país; aprendimos en la escuela y crecimos escuchando sobre libertad y justicia. La escuela nos enseñó a venerar el ejemplo glorioso de nuestros héroes y mártires. Céspedes, Agramonte, Maceo, Gómez y Martí fueron los primeros nombres que se grabaron en nuestro cerebro; nos enseñaron lo que dijo el Titán, que la libertad no se implora, sino que se conquista al filo del machete (Castro Ruz, 2002, p. 42).

En un determinado momento, los sistemas normativos estadounidenses, con énfasis en el mercado y el consumo, se debilitaron lo suficiente para que los cubanos reexaminaran los atractivos de la cultura, que cada día se mostraba más incapaz de satisfacer sus aspiraciones. La incertidumbre creada en un contexto de ilegitimidad de los gobiernos cubanos de la primera mitad del siglo XX contribuyó a minar las instituciones neocoloniales. Fue un proceso lento y gradual que, sin la grave crisis política de 1952, derivada del golpe militar, podría haber persistido durante décadas (Leite, 2023).

El debate en los círculos intelectuales sirvió como vía para la creación de una nueva visión política, mientras avanzaba la lucha armada contra Batista, en un momento de gran esplendor de la cultura cubana. Tres grandes músicos del siglo XX —Benny Moré, Ernesto Lecuona y Ignacio Villa Fernández, conocido como Bola de Nieve— producían lo mejor de sus obras. Las artes plásticas reunían a importantes pintores y escultores, como René Portocarrero y Mariano Rodríguez. En vísperas del triunfo de la Revolución, Cuba se encontraba al umbral de transformaciones que facilitarían un cambio político radical. Sin embargo, la vergüenza se expresaba tanto en público como en privado, con una mezcla de frustración e impotencia. Un pueblo que se había



propuesto estar a la vanguardia de la civilización ilustrada, se encontraba atado a los dueños de los casinos (Pérez Jr., 2016).

El golpe de Estado del 10 de marzo de 1952 ejecutado por Fulgencio Batista y Zaldívar, — al calcular que en unas próximas elecciones podían ganar las fuerzas de orientación progresista — encontró en Bohemia una oposición constante. El entonces joven abogado Fidel ejerció desde la publicación un periodismo crítico contra los desmanes del régimen, cuando otros órganos de prensa se negaron a ello. Le costó a Bohemia reiteradas censuras que no amilanó al colectivo.

Desviada en su desarrollo, que las dificultades no pudieron anular, como lo demostró el proceso, la generación del centenario de Martí, celebrado en 1953, recuperó las tradiciones de lucha del siglo XIX. La Revolución cubana se presentó como la regeneración de los sentimientos patrióticos presentes en la construcción de la nacionalidad, razón por la cual sus dirigentes siempre intentaron demostrar que la génesis del movimiento revolucionario es la misma que la del ideario martiano (Hart Dávalos, 2005, p. 142).

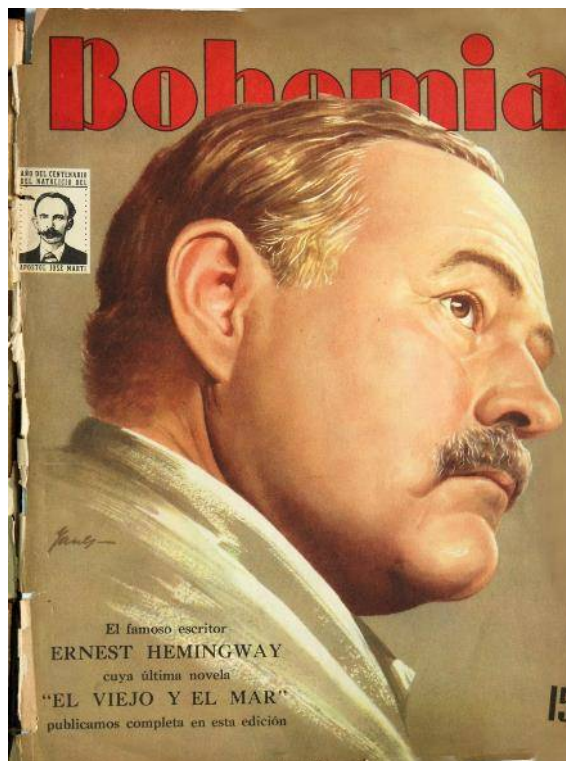
Un suceso editorial llega a las páginas de Bohemia. El escritor norteamericano Ernest Hemingway confió a la revista la primera traducción al español de la novela *El viejo y el mar*, obra que le valió el Nobel de Literatura en 1954. Apareció en la edición n.11 del 15 de marzo de 1953. Con una tirada que entonces superaba los 259 000 ejemplares, circuló por casi toda América Latina. Es una obra muy querida a Cuba. El destacado novelista residió en La Habana desde 1940 en una propiedad conocida como Finca Vigía, a unos 15 kilómetros del centro de dicha ciudad hasta su muerte en 1961. La hermosa residencia donde Hemingway fue edificada en 1887 por el arquitecto catalán Miguel Pascual y Baguer. La misma está conformada por la casa principal, una construcción independiente conocida como torre, el bungalow-garaje, la piscina y pérgola, el pabellón del yate Pilar y el cementerio de los perros del escritor.

En Cojimar, un pueblo de pescadores cercano a La Habana, Hemingway anclaba su yate de pesca Pilar, que actualmente se exhibe en la cancha de tenis de su casa en aquella finca, hoy un museo sobre su vida y obra. Desde allí salía a pescar por la corriente del Golfo. El reparto tiene componentes, naturales, históricos y socioculturales; entre ellos el río Cojimar y el Torreón de Cojimar, perteneciente al sistema de fortificaciones de La Habana contemplado como Patrimonio de la Humanidad por la Unesco. En este pueblo nació su amistad, en 1928, con Gregorio Fuentes, quien más tarde se convirtiera en patrón del Yate Pilar, donde tantas veces Hemingway saliera a pescar.

El destacado caricaturista Juan David, le comunicó al escritor estadounidense de parte del director el interés de aquella publicación como una propuesta de negocios. Antes, el 1° de septiembre de 1952 la revista estadounidense Life, había publicado el manuscrito en inglés. La disyuntiva era cuánto pagarle al norteamericano quien había recibido 30.000 dólares de dicha revista. El mensaje era el siguiente: “Contacta con Hemingway y dile que no podemos pagarle tanto como Life, pero que tenemos mucho

interés en dar a conocer esa obra en Cuba". El insigne narrador donó la suma a un hospital en Cuba. Bohemia siempre siguió su desarrollo como escritor.

Figura 3. Escritor estadounidense Ernest Hemingway



Fuente: Portada. Edición 11 del 15 de marzo de 1953, cuando se publicó por primera vez en español El viejo y el mar. Realización: Orlando Yanes. Archivo de Bohemia

Figura 4. Cantante Lola Flores (1923-1995)



Fuente: La cantante española lee un ejemplar de Bohemia, que muestra en su portada el patriota cubano Ignacio Agramonte y Loynaz. Archivo de Bohemia.

Durante los años 1957 y 1958, mientras se desarrollaba la lucha insurreccional en la Sierra Maestra encabezada por Fidel Castro contra la tiranía de Fulgencio Batista se implantó una fuerte censura, y Bohemia, a pesar de sentir admiración por aquella causa, no pudo desplegar dichos acontecimientos en sus páginas. Visitaron la cordillera varios periodistas, incluso de Bohemia, y entrevistaron al jefe rebelde y a sus seguidores. Durante esa etapa el gobierno opresor con su Ejército y la Policía cometió grandes atrocidades, incluso asesinatos en masa. Todos los hechos se registraron, pero para entonces no pudieron salir a la luz.

En 1958, los bienes estadounidenses en Cuba representaban nada menos que el 40% de la producción azucarera, el 90% de los servicios de electricidad y telefonía, el 50% de los ferrocarriles y el 23% de las industrias no azucareras. Fernandes (2007, p.



73) definió al país como “un apéndice segmentado y especializado de los Estados Unidos”. En los últimos meses de ese año, ante los avances del ejército rebelde, los arribistas de las fuerzas armadas de Batista se apresuraron a buscar una posición favorable para sus intereses. Así, organizaron numerosas conspiraciones de último momento contra el barco que estaba a punto de hundirse. Con ellas, pretendían salvarse o, al menos, dar un golpe de efecto. Posteriormente, algunos de estos oportunistas manifestaron su apoyo irrestricto a la causa revolucionaria, ante lo cual Fidel sentenció de inmediato: “Los purificó el Jordán de la Revolución” (Fernández Álvarez, 2018, p. 85).

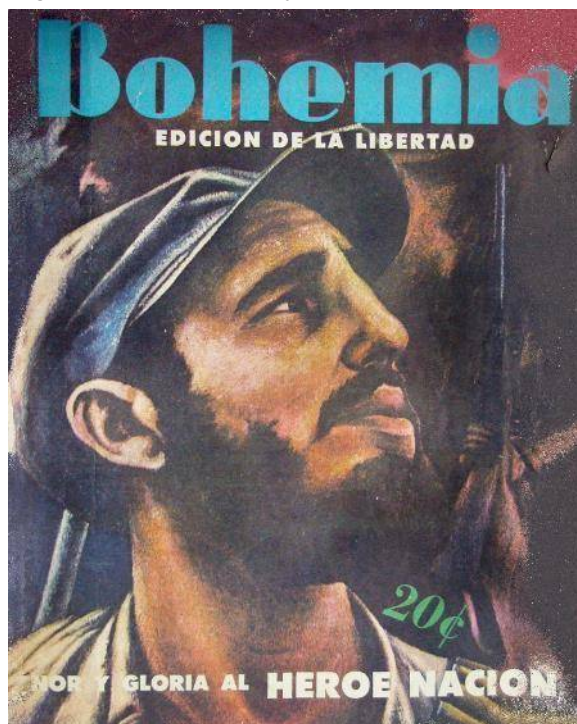
Bohemia en Revolución

Más que expresar una conciencia generacional, el Movimiento 26 de Julio sostenía una postura crítica respecto a la sociedad y al imperativo de subvertir los rasgos de decadencia moral, de dependencia externa, del estancamiento económico basado en un modelo monoprodutor y monoexportador, con una creciente polarización social y el aumento de la miseria entre las clases trabajadoras. Fernandes (2007) afirmó que la guerrilla en Cuba representaba mucho más que una lucha armada: “La sociedad cubana vivía un clímax revolucionario – parecía muy frágil, pero era invencible, porque se había convertido en heredera y partera de una guerra civil, que se había retrasado en el tiempo, pero no en su potencial revolucionario” (Fernandes, 2007, p. 126).

Según Fernandes (2007), los cubanos sacaron a América Latina de la constante de revoluciones interrumpidas y de la retórica liberal, que proclama el reformismo y el nacionalismo democrático. El sociólogo brasileño destaca los pilares fundamentales del proceso que llevó a Cuba a romper con dos siglos de lucha contra el dominio extranjero — primero contra el colonialismo español y luego contra el imperialismo estadounidense. En definitiva, esto significó que el potencial revolucionario de enfrentamiento a las fuerzas destructivas del capital se volvió inevitable, expresándose como una respuesta histórica a la larga trayectoria de explotación y dependencia. Para Fernandes (2007, p. 116): “los compañeros ‘humildes’, los millones de desheredados y olvidados se convertían en la razón de ser de una guerrilla, que no podía encerrarse en un estrecho circuito político-militar”.

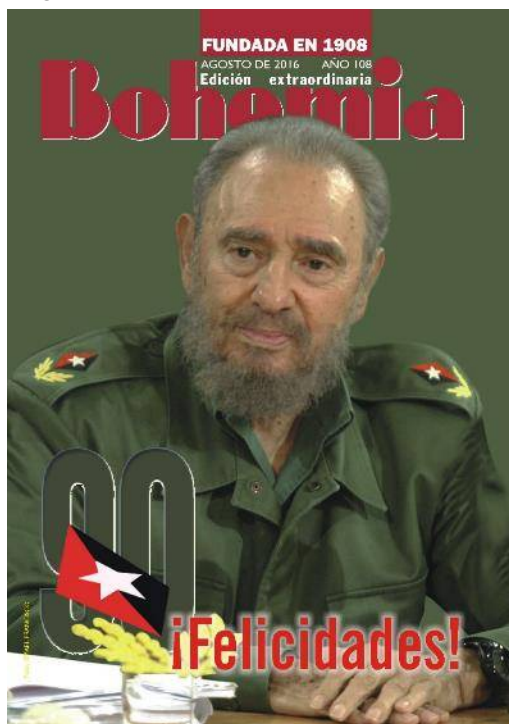
El triunfo revolucionario del 1° de enero de 1959 provocó la aparición de la trilogía “Edición de la Libertad”. La primera con fecha 11 de enero alcanzó una tirada récord de un millón de ejemplares. La segunda parte (18 al 25 de enero) y la tercera (1° de febrero). En estas publicaciones no solo podían hallarse relatos sobre los crímenes de la tiranía de Fulgencio Batista, que por la estricta censura no pudieron hacerse públicos en su momento. Incluían además la descripción de la Caravana de la Libertad, la ruta seguida desde Santiago de Cuba por más de mil kilómetros por el Ejército Rebelde con Fidel Castro al frente, después del Triunfo de la Revolución el 1° de enero de 1959, hasta la entrada a La Habana el día 8. La trilogía reunía además un valiosísimo material gráfico y testimonial de los años de la lucha insurreccional.

Figura 5. Comandante en jefe Fidel Castro Ruz



Fuente Portada. Edición de la Libertad. 11 de enero de 1959. Autor: Desconocido. Archivo de Bohemia.

Figura 6. Fidel Castro Ruz



Fuente: Portada. Fidel 90 años. Agosto de 2016. Año 108 Edición extraordinaria. Archivo de Bohemia.

Cuando culminaba la impresión de la primera parte de la icónica edición, Fidel Castro visitó la sede de Bohemia y departió con trabajadores de la rotativa y periodistas que se hallaban en el edificio. Cogió la “tripa” y algunos pliegos y se dedicó a leerlos detenidamente. Antes de marcharse exhortó a todos a mantener la valentía y el patriotismo que habían caracterizado a la publicación en los momentos más difíciles de la historia nacional para que siguiera siendo “nuestro más firme baluarte”. En lo adelante, en reiteradas ocasiones visitaba la publicación, donde siempre aparecieron sus discursos cargados de una maestría oratoria.

La revista expresó así su posición favorable a las fuerzas que habían derrocado a la tiranía. Variadas entrevistas aparecen en sus páginas a los integrantes del Ejército Rebelde que, como libertadores, encabezados por Fidel, bajaron desde la Sierra Maestra. El líder rebelde Fidel Castro, escribió este mensaje a la revista Bohemia en 11 de enero de 1959:

A la Revista Bohemia mi primer saludo después de la victoria porque fue nuestro más firme baluarte. Espero que nos ayude en la paz como nos ayudó en estos largos años de lucha, porque ahora comienza nuestra tarea más difícil y dura (Castro Ruz, 1959). Por su parte el Comandante Camilo Cienfuegos Gorriarán, uno de los jefes más cercanos a Fidel durante toda la campaña guerrillera, desde la Ciudad Militar en 7 de enero de 1959 envió el siguiente mensaje a Bohemia:



Por conducto de Bohemia, la gran revista cubana, nos abrazamos a todos los cubanos en la hora hermosa de la libertad. Al pueblo de Cuba nuestra promesa que nos mantendremos firmes rodilla en tierra para que esta libertad que tantos sacrificios y vidas costó no se pierda, para que esta libertad que hoy ilumina el futuro cubano brille cada día con más esplendor, para que esta libertad una a todos los cubanos con lazos indivisibles, para marchar todos unidos, puesta la mirada en el futuro y los intereses Patrios (Cienfuegos Gorriarán, 1959).

El hoy denominado Guerrillero Heroico Comandante Ernesto Che Guevara, plasmó para entonces en las páginas del semanario: "A través de "Bohemia", exponente del periodismo vertical de América un saludo a este pueblo que durante tantos años anheló poder ver el resultado de un pensamiento libremente expresado, hoy, días de libertad verdadera" (Guevara, 1959).

A diferencia de la mayoría de las publicaciones en manos burguesas, Bohemia no enfrentó desde sus páginas la política y la obra de la Revolución naciente: la mayoría de sus periodistas y trabajadores marcharon al compás de los momentos del proceso revolucionario y le hicieron sobrepasar a la revista los límites de su ideología burgués-nacionalista.

Su director y propietario se mantuvo en su cargo hasta mediados de 1960, en que abandonó el país por su propia voluntad y se apartó así del camino de la Revolución. Tras su salida, la revista fue intervenida y Enrique de la Osa, quien había tenido a su cargo la sección "En Cuba" desde su fundación, desempeñó desde entonces y hasta 1971 el cargo de director. El semanario se transforma en esa etapa en defensor, desde todas sus páginas, de la Revolución socialista, y adecua a ese propósito su contenido y carácter.

En la madrugada del 26 de julio de 1953, el asalto al Cuartel Moncada en Santiago de Cuba inauguró un nuevo período en la Isla. En su alegato la Historia me absolverá, a raíz de ser enjuiciado por comandar a un grupo de jóvenes armados en el asalto al cuartel, una fortaleza del régimen de Batista ubicada en la ciudad Santiago de Cuba, Fidel Castro enumera una serie de programas que serían implementados de inmediato al triunfo revolucionario: la educación, la salud, el problema de la tierra, la vivienda y el desempleo. La periodista Martha Rojas estuvo presente en aquel juicio y tenía archivados varios reportajes, incluyendo fotografías de todos aquellos acontecimientos. La tiranía cometió viles crímenes contra los jóvenes que acompañaron a Fidel en aquella acción, que significó el motor pequeño que impulsó todo el acontecer posterior de la Guerra de Liberación nacional liderada por el líder rebelde desde el 2 de diciembre de 1956 hasta el 1° de enero de 1959.

A través de aquella periodista, Bohemia fue la primera en revelar en los primeros días de 1959 la verdad sobre los acontecimientos relacionados con el Moncada, información que no pudo sacar en su momento por la censura impuesta. El 14 de septiembre de ese mismo año, el antiguo campamento militar de Columbia, el principal bastión del antiguo régimen de Batista, fue entregado por Fidel a Armando Hart, ministro de Educación, para ser transformado en la Ciudad Escolar Libertad. Desde los

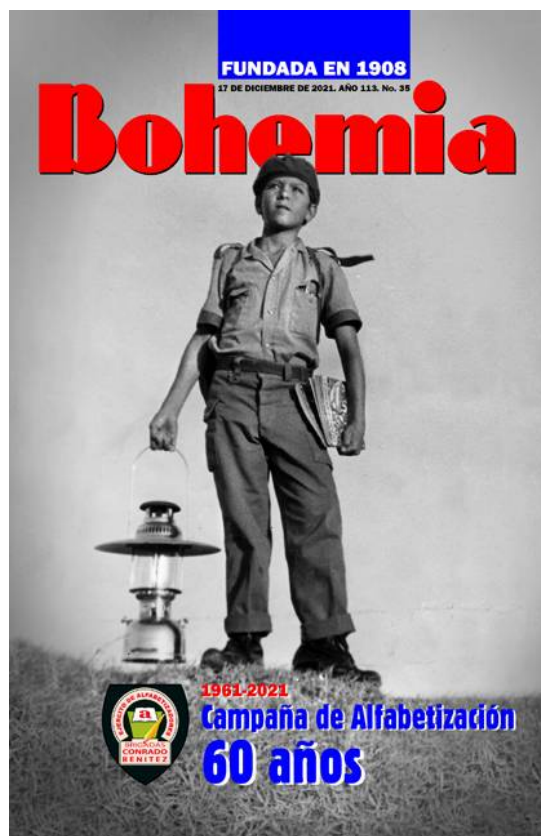


primeros momentos de la Campaña de Alfabetización, este lugar ha sido un centro de desarrollo de la educación y de formación de nuevos maestros (Leite, 2023).

Fueron apareciendo en las páginas de la revista grandes reportajes sobre cómo se cumplieron en la práctica aquellos programas. La Campaña de 1961 articuló dialécticamente diversos factores, contribuyendo a que la labor educativa asumiera una fuerte dimensión político-social y la enseñanza se convirtiera en un instrumento de participación. Este movimiento alfabetizador tuvo sus antecedentes en la época del colonialismo, como reflejo de un pensamiento autóctono, cuando el ejército de los mambises vinculó el aprendizaje de la lectura y la escritura con la insurrección. En 1896, con la publicación *El Cubano Libre*, se editó “la primera cartilla orientada al desarrollo de una conciencia participativa en la vida político-social”, según Canfux Gutiérrez *et al* (2006, p. 1).

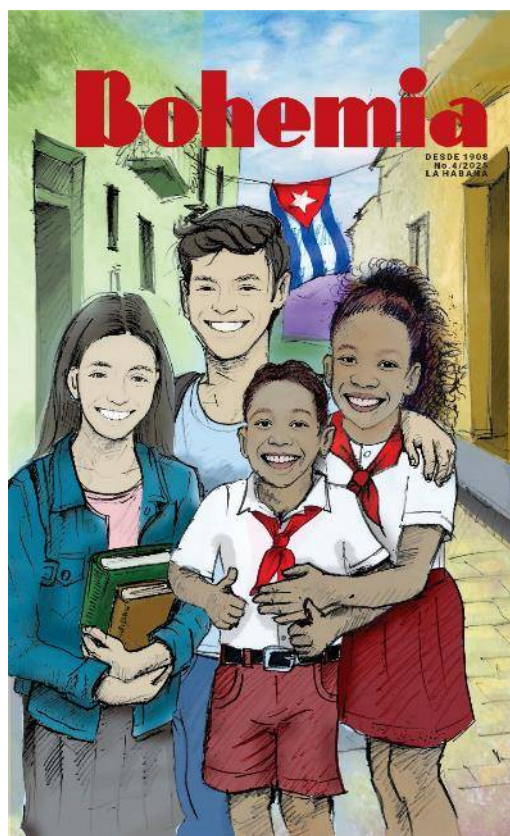
Como órgano periodístico, ha mantenido su característica de reunir alrededor de un tronco eminentemente político una amplísima gama temática, en lo económico, político, social, cultural y científico dirigido a un enorme universo de lectores con disímiles intereses y niveles culturales. Son ejemplos las informaciones precisas sobre el desarrollo de la Campaña de Cuba en 1961 que permitió erradicar el analfabetismo y facilitar el acceso a los distintos niveles de educación. La campaña significó, más que una estrategia de política educativa, una experiencia profunda que consolidó las bases del contexto social, en el cual la elevación cultural avanzó junto con las luchas contra la dominación extranjera. Se reflejaron los diversos aseguramientos incluyendo la formación de profesionales para acometer y cumplir aquellos propósitos. Participaron miles de estudiantes, obreros, alfabetizadores populares y maestros, lo que posibilitó la creación de documentales, poesías, canciones y análisis por parte de quienes estaban interesados en comprender las razones que motivaron la movilización popular de forma organizada. Ellos dieron un paso al frente e hicieron realidad la idea de que: “Al venir a la tierra, todo hombre tiene derecho a que se le eduque y después, en pago, el deber de contribuir a la educación de los demás” (Martí, 1975, t. 12, p. 375).

Figura 7. Campaña de alfabetización 60 años



Fuente: Portada. Edición impresa n.35 de 2021. Diseño: Carlos Manuel Rodríguez. Archivo de Bohemia.

Figura 8. Niños y jóvenes cubanos



Fuente: Portada. Edición n. 4 de 2025. Ilustración: Norberto Carlos Escalona Carrillo. Archivo de Bohemia.

La revista no ha sufrido sustanciales cambios en su forma, aunque sí ha variado notablemente su contenido. Después de su paso a manos del pueblo, desaparecieron secciones superficiales y que atentaban contra la dignidad humana como "La farándula pasa", la oscurantista gula astrológica, la crónica roja, y otras. Nuevas secciones se crearon para tratar los aspectos de la vida económica, cultural, educacional y de protección a la salud, mientras que otras secciones se han adecuado a la nueva situación, como "En Cuba", que ha tenido la honrosa tarea de reflejar los hechos de la Revolución a lo largo de estos años. La sección internacional abandonó su orientación norteamericana, y desde hace varios años es preparada por su propio cuerpo de periodistas. Su contenido central ha pasado a ser la lucha antiimperialista de los pueblos por su liberación, la de la clase obrera contra el capital financiero y la divulgación de una sociedad nueva.



Hoy día, Bohemia ofrece a todo nuestro pueblo el acontecer de la construcción del socialismo en Cuba y la práctica internacionalista de la Revolución cubana, junto a la orientación sobre los asuntos nacionales, la información y análisis sobre los problemas internacionales.

Para Bohemia, firme defensora del socialismo, es una divisa actuar en interés de las transformaciones revolucionarias, en las tareas de educar, informar, orientar, organizar y movilizar al pueblo apelando a la razón y a la conciencia.

Otro ejemplo del reconocimiento de grandes intelectuales a Bohemia se refleja en la difusión adelantada en sus páginas, de *El amor en los tiempos del cólera*, aquella genial novela del escritor colombiano Gabriel García Márquez en la edición n.1 del 3 de enero de 1986, la primera de sus colaboraciones con Bohemia. La entonces directora Magali García Moré, mediante el investigador Jaime Sarusky, llegó al Gabo. Frente al gran novelista, Magali propuso publicarle algo que estuviera en proceso. Él le avisaría, acordaron, pero al despedirse ya tenía ella el número de teléfono y la dirección de la casa donde se hospedaba el autor junto a su esposa Mercedes. Vino la respuesta positiva y el fragmento seleccionado en unas cinco páginas, circuló en más de 300 000 ejemplares.

Desde abril de 2002, a través de un trabajo en equipo vasto y orgánico, la revista se incorporó a Internet con una versión digital. A partir de 2021, un talentoso equipo de periodistas y diseñadores, se propusieron una meta osada, repensar a Bohemia, desde una conceptualización hipermedial y desarrollar en tiempo récord un nuevo sitio web con una identidad visual propia que coloca a la revista en la avanzada del ecosistema de medios cubanos de comunicación.

Como se expresa en la Columna Editorial de la Edición Especial de mayo de 2023, dedicada a sus 115 años de existencia:

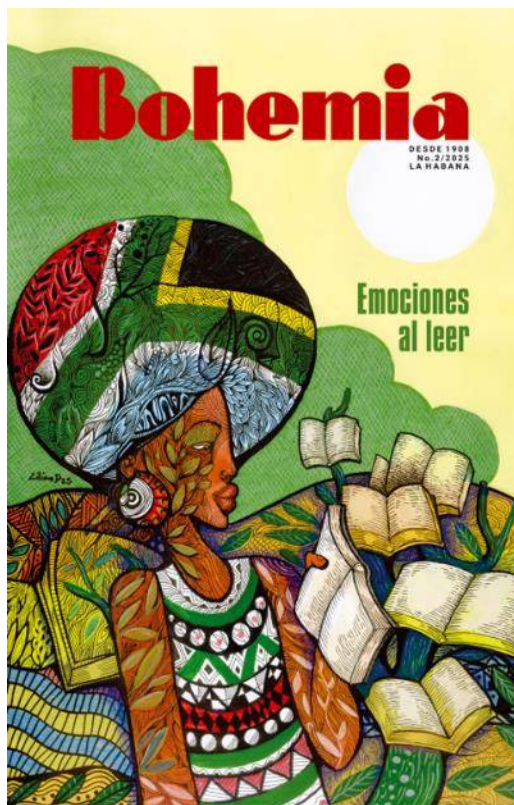
En cada momento de gravedad que ha existido, han sido sus lectores con su confianza los verdaderos salvadores de la revista. Los autores —periodistas, fotorreporteros, diseñadores, ilustradores, colaboradores, editores, documentalistas, informáticos, funcionarios directivos— apenas pueden corresponderles mínimamente con la mayor creatividad posible. Son los lectores, sobre todo ellos, los que han hecho posible construir esa mística que le ha permitido a Bohemia caminar entre numerosas generaciones cada vez más cultas, mejor informadas y exigentes de la verdad, la audacia periodística, la sincera reflexión y el buen gusto estético.

Figura 9. Viengsay Valdés, directora del Ballet Nacional de Cuba.



Fuente: Portada de la revista Bohemia n. 11, 2024. Archivo de la Revista Bohemia.

Figura 10. Emociones de leer



Fuente: Portada. n. 2. 2025 Liliám Durán Ballesteros; Víctor Manuel Falcón García. Archivo de la Revista Bohemia.

Aquel primer momento entendía lo digital como mera traducción de un espacio físico y no como lugar autónomo con sus propias dinámicas. Reproducía de manera acrítica las noticias de otros medios. No estaba al nivel de la calidad de la publicación al no generar contenido propio. Desde esta plataforma, urgió la necesidad de dar la visualidad que requería Bohemia con un producto atractivo y una concepción editorial diferente a partir de la importancia de las redes sociales como medios de información centrales en el espacio digital.

Por enrevesado que haya sido el laberinto, el colectivo de la publicación encontró siempre las maneras de sortear los contratiempos, continuar su crecimiento profesional y mantenerse en el favor de esos millones de personas que son sus públicos y su razón de ser. Hoy nuestro medio está acechado por limitaciones económicas. El bloqueo impuesto a la Isla por el gobierno de los Estados Unidos, que impide en gran medida nuestro acceso al mercado internacional y sus bancos, hace escaso el papel por los elevados precios de las bobinas, por solo enfocar un infortunio. Su emisión es mensual y abarca 66 páginas.



A modo de conclusión

La decana de nuestras publicaciones, en sus 117 años de existencia, es la revista en circulación más antigua de Latinoamérica; se ha convertido en un referente del periodismo en esa parte del mundo y espejo vivo de nuestra existencia como nación digna. Su legado periodístico ha sido construido por generaciones de periodistas comprometidos. Han narrado los sueños, las luchas y las aspiraciones de una nación en constante transformación. Representa una memoria viva que merece ser estudiada, preservada y debatida.

Bohemia no es solo una revista: es testimonio, es archivo, es conciencia. No solo ha documentado los hechos, sino que ha sabido interpretarlos con sensibilidad y rigor. A través de sus páginas, Cuba se ha narrado a sí misma con valentía, con pasión y con una fidelidad inquebrantable a la verdad. *Ha* sido el pulso periodístico que ha latido al ritmo de la historia nacional.

Su legado no se mide únicamente en años, sino en la profundidad con que ha tocado el alma del pueblo cubano. Ha sabido resistir, evolucionar y mantenerse como faro de pensamiento crítico y cultural. *Bohemia* nos recuerda que contar la historia con dignidad es también construir futuro. Ha sido conciencia crítica, espacio de pensamiento y refugio de la palabra comprometida. Y en ese futuro, su voz seguirá resonando como parte esencial de nuestra identidad.

Desde su fundación, *Bohemia* ha ejercido una labor que trasciende lo informativo: ha sido conciencia crítica, espacio de pensamiento y refugio de la palabra comprometida. Su narrativa, a veces punzante, otras veces lírica, ha sabido captar los matices de lo cubano con una mirada que no se limita a describir, sino que interpela, emociona y convoca.

En tiempos donde la fugacidad amenaza la memoria, *Bohemia* se erige como archivo esencial, como faro que ilumina el pasado para comprender el presente y proyectar el porvenir. Su existencia es prueba de que el periodismo, cuando se ejerce con ética y pasión, puede ser también una forma de poesía cívica, una manera de habitar la historia con dignidad.

Referencias

BAKER, James. **Ruston from dreams to reality**. Houston (USA): Ruston-Baker Educational Institute, 2007.

BARALT, Blanche Zacharie de. **El Martí que yo conocí**. La Habana (Cuba): Centro de Estudios Marianos, Pueblo y Educación, 1990. (Col. Testimonios).

BUENAVILLA RECIO, Rolando *et al.* **Historia da pedagogía en Cuba**. La Habana (Cuba): Pueblo y Educación, 2014.

CANFUX GUTIÉRREZ, Jaime *et al.* **La alfabetización: historia y autenticidad en Cuba**. La Habana (Cuba): Pueblo y Educación, 2006.



CASTILLO, Urbano. Sección "Crónica". **Revista Bohemia**. La Habana (Cuba): n.1, 7 mayo 1910.

CASTRO RUZ, Fidel. **La Historia me absolverá**. La Habana (Cuba): Ediciones Verde Olivo, 2002.

CASTRO RUZ, Fidel. **Revista Bohemia**. La Habana (Cuba): n. 2, 11 enero 1959, p. 21.

CIENFUEGOS GORRIARÁN, Camilo. **Revista Bohemia**. La Habana (Cuba): n. 2, 11 enero 1959, p. 48.

COLUMNA EDITORIAL Edición Especial. **Revista Bohemia**. La Habana (Cuba): n. 5, 5 mayo 2023, p. 5.

COLUMNA EDITORIAL. "El Martí de Bohemia". **Revista Bohemia**. La Habana (Cuba): n. 5, 7 mayo 1925, p. 5.

COLUMNA EDITORIAL. "Los trágicos momentos en España". **Revista Bohemia**. La Habana (Cuba): n. 4, 2 ago. 1936, p. 4.

FERNANDES, Florestan. **Da Guerrilha ao socialismo**: a revolução cubana. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

FERNÁNDEZ ÁLVAREZ, José Ramón. **Un hombre afortunado**. La Habana (Cuba): Casa Editorial Verde Olivo, 2018.

FERNÁNDEZ RETAMAR, Roberto. Martí en su (tercer) mundo. *In*: FERNÁNDEZ RETAMAR, Roberto. **Introducción a José Martí**. La Habana (Cuba): Editorial Letras Cubanas, 2001, p. 13-79.

GUEVARA, Ernesto. **Revista Bohemia**. La Habana (Cuba): n. 2, 11 enero 1959, p. 50.

HART DÁVALOS, Armando. **Marx, Engels y la condición humana**: una visión desde Cuba. La Habana (Cuba): Ciencias Sociales, 2005.

HOLMES, Antonio Guiteras. Septembrismo, **Revista Bohemia**. La Habana (Cuba): n. 11. 1 abril de 1934, p. 30.

LEITE, Maria do Carmo Luiz Caldas. **Cuba Insurgente**: identidade e educação. Curitiba: CRV, 2023.

MARTÍ, José. **Obras completas**. La Habana (Cuba): Ciencias Sociales, 1975.

PRADAS, Toni. **Revista Bohemia**. La Habana (Cuba): n. 4, 5 mayo. 2025, p. 6.

PÉREZ JR, Louis A. **Ser cubano**: identidad, nacionalidad y cultura. La Habana (Cuba): Editorial Ciencias Sociales, 2016.